

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FESTA DO CINEMA ITALIANO: O OUTRO 25 DE ABRIL
3 e 5 de abril de 2024

IL CONFORMISTA / 1970

(O Conformista)

um filme de **Bernardo Bertolucci**

Realização: Bernardo Bertolucci / **Argumento:** Bernardo Bertolucci, baseado no romance homónimo de Alberto Moravia / **Direcção de Fotografia:** Vittorio Storaro / **Direcção Artística:** Ferdinando Scarfiotti / **Guarda-Roupa:** Gitt Magrini / **Música:** Georges Delerue / **Montagem:** Franco Arcalli / **Interpretação:** Jean-Louis Trintignant (Marcello Clerici), Stefania Sandrelli (Giulia), Gastone Moschin (Manganiello), Enzo Tarascio (Professor Quadri), Fosco Giacchetti (o coronel), José Quaglio (Ítalo), Dominique Sanda (Anna Quadri), Pierre Clémenti (Lino), Yvonne Sanson (mãe de Giulia), Milly (mãe de Marcello), Giuseppe Addobbati (pai de Marcello), Christian Aligny (Raoul), Pasquale Fortunato (Marcello em criança), António Maestri (padre no confessionário), etc.

Produção: Maran Film – Marianne Productions – Mars Film / **Produtor Executivo:** Giuseppe Bertolucci / **Cópia:** DCP, colorido, com legendas eletrónicas em português, 113 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Berlim, Junho de 1970 / **Estreia em Portugal:** Estúdio Foco (Porto), a 4 de Novembro de 1974.

*“Para além do mais, **O Conformista** é uma história sobre mim e Godard (...) Eu sou Marcello e faço filmes fascistas e quero matar Godard que é um revolucionário, que faz filmes revolucionários e que foi meu professor”*

(Bernardo Bertolucci, 1971)

A frase de Bertolucci que aqui deixámos em epígrafe pode parecer uma afirmação estranha ou até, mais do que isso, deslocada. Um olhar sobre o fascismo italiano construído a partir de um romance de Alberto Moravia – como pode **O Conformista** ser “uma história sobre mim e Godard”? O certo é que não é só uma “boca” de que Bertolucci se tenha lembrado a posteriori. Sibilamente, como uma “private joke” que em 1970 se calhar só o próprio e os membros do seu círculo de relações pessoais poderiam compreender, há uma alusão a Godard no interior do filme. É quando explicam a Marcello a sua missão: entrar em contacto com um opositor do regime fascista, o Professor António Quadri, que foi professor de Marcello na universidade, conquistar a sua confiança e matá-lo na primeira oportunidade. Quadri vive exilado em Paris – e quer a morada quer o número de telefone da sua residência são, exactamente, a morada e o número de telefone do apartamento parisiense onde Godard vivia nessa época.

Evidentemente, a frase de Bertolucci começa com um "para além do mais". **Il Conformista** é, conscientemente, um filme vivido em desejo de emancipação cinematográfica por parte de Bertolucci, operando a vários níveis uma ruptura com o que fora o seu cinema dos anos 60, o de **La Strategia del Ragno** ou de **Partner**. Se Bertolucci queria matar o seu "pai cinematográfico", queria matá-lo "para além do mais", ou "para além dos demais". O trajecto de Marcello (fabuloso Jean-Louis Trintignant) tem qualquer coisa do de um anjo exterminador, aniquilando tudo à sua volta. Os pais, as mães, os amigos – e em última análise, a si próprio, quando na derradeira cena, na noite da demissão de Mussolini, nega tudo o que fora até então (um fascista, menos por convicção do que, naquilo que constitui a mais cruel observação de **Il Conformista**, por ser "normal" ser fascista na Itália de 30) e encontra a negação daquele que sempre pensara ser o momento decisivo da sua vida quando descobre que o motorista Lino (que Marcello pensava ter morto muitos anos antes, ainda adolescente), afinal está vivo. Tudo o que ele foi, tudo o que ele julgava ser, era afinal uma mentira. Discutiu-se muito o sentido dos planos finais de **Il Conformista**, Marcello, já depois da sua violenta catarse, sentado, silencioso, algures numa esconsa rua romana, acabando a fitar directamente a objectiva como se ao mesmo tempo a desafiasse e a interrogasse (de maneira, aliás, um pouco remanescente do plano final de Jean Seberg no... **À Bout de Souffle** de Godard). No livro de Morávia a história continuava mais um pouco, Bertolucci preferiu cortar ali. Menos um fecho do que uma suspensão, como se apesar de tudo houvesse uma hipótese ainda para Marcello e toda aquela indefinição final correspondesse a um conta-quilómetros de novo no zero, fim de um caminho mas também possibilidade de recomeço. Se Bertolucci diz "Marcello sou eu" talvez seja nesse momento de vazio potencialmente libertador que a identificação faça mais sentido.

Fora estes aspectos relacionados com um discurso pessoal de Bertolucci, a outra coisa que sobressai em **Il Conformista** é a sua pintura de um mundo devastado. O sonho de Mussolini era ressuscitar o Império Romano, e dir-se-ia que Bertolucci sinaliza a decadência representada pelo mundo fascista (mesmo na sua pujança) a partir de alusões figurativas ao mundo romano. Se a arquitectura, nas sequências em Roma, joga naturalmente um papel, a família de Marcello, em sinal da sua absoluta falência, surge envolta numa imagem que remete para a Roma antiga. A mãe, pintada como se viesse do **Satyricon** de Fellini, filmada numa cama cheia de cães de estimação num quarto atravancado; o pai, louco, internado num asilo que se parece estranhamente com um anfiteatro romano e a que Bertolucci, nos planos mais artificialistas de todo o filme, atribui uma aura quase hierática.

E claro, Trintignant. Talvez nunca ninguém o tenha dito assim, mas não é um exagero: é um dos maiores actores do cinema europeu dos últimos cinquenta anos. O melhor plano de **Il Conformista** é-o por causa dele: a sua expressão, o vazio do seu olhar, quando dentro do carro permanece totalmente indiferente aos gritos da ensanguentada Dominique Sanda. É estreita e indefinível a linha que separa o homem frio do homem covarde, o homem cínico do homem impotente. E isso, que está por inteiro nesse plano, talvez seja a moral da história de **Il Conformista** segundo Bertolucci.

Luís Miguel Oliveira